

CADERNOS DE GEOGRAFIA

NÚMERO ESPECIAL

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
com a colaboração do Centro de Estudos Geográficos

FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ACTAS DO PRIMEIRO COLÓQUIO DE GEOGRAFIA DE COIMBRA
COIMBRA 1996



COIMBRA, UNIVERSIDADE E DIFUSÃO DA CULTURA PORTUGUESA NO MUNDO

A dimensão geográfica do Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra¹

João Luís Fernandes*

"Não somos um povo morto, nem sequer esgotado. Temos ainda um grande papel a desempenhar no seio das nações, como a mais ecuménica de todas. O mundo não precisa hoje da nossa insuficiente técnica, nem da nossa precária indústria, nem das nossas escassas matérias-primas. Necessita da nossa cultura e da nossa vocação para o abraçar cordialmente, como se ele fosse o património natural de todos os homens."

(Miguel Torga, in *Diário*, vol. XV, p. 37, 1990, Coimbra)

"Do rectângulo da Europa passámos para algo totalmente diferente. Agora, Portugal é todo o território de língua portuguesa."

(Agostinho da Silva, in Victor Mendanha, *Conversas com Agostinho da Silva*, 1994, Pergaminho, Lisboa)

INTRODUÇÃO

O território, a cultura e a mobilidade espacial da população, constituem elos fundamentais nos paradigmas da(s) Geografia(s) contemporânea(s). O território é, por inerência, cultural. A mobilidade espacial da população, conceito geográfico por excelência, é uma variável não apenas definidora da estruturação dos territórios, como está quase sempre implicada na transmissão/definição de diferentes identidades culturais.

A cidade de Coimbra, pelo pioneirismo e abrangência da sua Universidade, é desde há muito um ponto de referência da cultura portuguesa. Coimbra desde cedo tomou posição de relevo na intelectualidade do país, na definição da portugalidade e na edificação da identidade nacional. Um território, uma cidade, uma universidade com lugar na História e com visível identidade geográfica.

O enquadramento de Coimbra no território regional, nacional e mesmo internacional não poderá ser plenamente compreendido à margem da sua função cultural e do papel desempenhado pela sua Universidade ao longo dos seus mais de 7 séculos de existência.

No correr dos tempos, a Universidade de Coimbra tem sido, como ponto difusor da cultura portuguesa, centro motivador de relevantes mobilidades espaciais de população. Um universo demográfico muito específico, com motivações e interesses específicos, com características muito particulares. Ainda assim, com significativa dimensão territorial.

Esta focalização dever-nos-ia balançar para horizontes longínquos e poderia ser objecto de aprofundadas reflexões. Por isso, por economia de tempo e imperativos de organização da nossa investigação, limitámos o nosso âmbito de estudo. Não é objectivo deste artigo a exploração aprofundada desta temática. Por via do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, apenas se procurará uma aproximação incapaz à territorialidade inerente ao papel da cidade de Coimbra enquanto edificadora e difusora de *Saber*. Pelas suas características, o Curso de Férias constitui ainda um profícuo ponto de partida e um oportuno objecto de reflexão sobre a dimensão territorial da função de Coimbra e da sua Universidade na difusão da cultura portuguesa.

* Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

¹ Para a elaboração deste artigo, agradecemos a colaboração e as sugestões da Professora Doutora Fernanda Delgado Cravidão, responsável pela ideia original do mesmo. Agradecemos também ao Gabinete de Relações Internacionais da Faculdade de Letras de Coimbra, nas pessoas do Professor Doutor Ludwig Scheidl e da Dr^a Carmelinda Spranger Francisco, toda a disponibilidade manifestada durante a elaboração desta investigação.

ESTRUTURA DO CURSO DE FÉRIAS

Normalmente com a duração de 30 dias, o Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra funciona ininterruptamente desde 1925, durante o mês de Julho de cada ano. As inscrições estão, na actualidade, abertas a cidadãos estrangeiros, cidadãos nacionais residentes no estrangeiro e aos lusodescendentes. A sua divulgação, da responsabilidade da Faculdade de Letras de Coimbra e do Instituto Camões, faz-se através das embaixadas, serviços consulares e, sobretudo, dos Leitorados de Português universitários e dos Centros de Ensino do Português dispersos pelo Mundo.

Especialmente vocacionado para a divulgação da língua e cultura portuguesas, este curso apresenta-se organizado em diferentes categorias. Em função do grau de conhecimentos apresentado pelos alunos, as inscrições distribuir-se-ão pelos possíveis 4 níveis de estudo (Quadro I).

Desenvolvendo temáticas que vão desde a História de Portugal, à sua Geografia e a manifestações artísticas da sua população, como a Arte, a Literatura e o Cinema, este curso constitui uma abordagem mais ou menos aprofundada (de acordo com o grau de estudos considerado) das diversas componentes da Cultura Portuguesa. Destas, ganha especial relevo a língua portuguesa, principal alicerce da cultura de uma população. A difusão da cultura e da língua portuguesas junto de cidadãos estrangeiros, de cidadãos portugueses residentes no exterior do país e dos lusodescendentes, é o objectivo que se materializa na presente organização curricular deste Curso de Férias. Apesar disso, nos seus primeiros passos, com motivações e estruturas curriculares diferentes, as portas deste curso estavam abertas para qualquer interessado, independentemente da sua nacionalidade e do seu local de residência.

Com efeito, inicialmente quase dedicado em exclusivo a cidadãos portugueses, o quadro territorial de proveniência das inscrições tem-se alargado substancialmente ao longo das diferentes edições deste curso².

² Para a realização desta investigação, fez-se o levantamento e tratamento das inscrições, para todos os níveis de estudo, do período de 71 anos considerado (1925 a 1995). Assim, esta investigação irá basear-se não em indivíduos ou estudantes, mas sim em inscrições. Com efeito, entre estes dois conceitos não existe uma correspondência perfeita, uma vez que o mesmo aluno pode frequentar o Curso de Férias por mais de uma vez. Cada aluno tem mesmo a possibilidade de percorrer os diferentes níveis do curso. No âmbito desta investigação, este desfazamento não constitui obstáculo importante, até porque uma inscrição repetida deve implicar um interesse redobrado de alguém que assim terá um mais afirmativo papel na divulgação da cultura portuguesa.

O CURSO DE FÉRIAS E A GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO MUNDO

A observação do Quadro II revela o alargamento territorial da origem das inscrições efectuadas ao longo dos 71 anos considerados para este estudo³. Como se partiu de uma base territorial correspondente ao país, o alargamento desta listagem (Fig.1) poderia justificar-se, em parte, pelas sucessivas desagregações fronteiriças que ocorreram ao longo do período cronológico considerado. Estas 7 décadas percorrem períodos de intenso dinamismo em termos da Geografia Política mundial, com a dominante tendência de formação de novos países: desde os movimentos de descolonização pós II Guerra Mundial à recente desagregação do Bloco de Leste europeu⁴. Apesar disso, este facto justifica apenas a inclusão de um número restrito de nacionalidades, pelo que não é suficiente para a interpretação directa e integral deste incremento dos países de proveniência das inscrições.

Pelo contrário, esta progressão é acompanhada pelo aumento do número absoluto de inscrições, ao longo deste período (Fig. 2).

Não há conhecimento de restrições regulamentares ao número de inscrições. Por isso, numa primeira e imediata interpretação, podemos relacionar este aumento, com uma margem de risco mínima, à sucessiva progressão, ainda que com alguns naturais interregnos, das mobilidades espaciais a nível internacional.

Por outro lado, é legítimo associarmos esta realidade à intensificação da procura deste Curso de Férias. Este

³ A recolha das inscrições não pôde, pelas dificuldades de recuperação dos livros de registo, ser exaustiva. Com efeito, não se conseguiram localizar os livros de registos de inscrições de alguns dos Cursos efectuados neste período de 71 anos. Este facto também não constitui um entrave muito importante a esta análise, uma vez que os dados ausentes, pelo seu reduzido número, não colocam em causa as principais linhas evolutivas deste curso nem a suas mais importantes tendências. Esta investigação baseou-se num universo de cerca de 7000 inscrições (6908), correspondentes a 62 Cursos de Férias (não se conseguiram recuperar os livros correspondentes a 9 cursos). Por isso é mais correcta a referência aos 62 cursos considerados e não aos 71.

⁴ Por exemplo, surgem nesta listagem países como a Checoslováquia e, posteriormente, a República Checa e a Eslováquia. Registaram-se em décadas mais recentes inscrições de cidadãos provenientes de países como, por exemplo, a Costa do Marfim e a Índia. Antes dos processos de descolonização, cidadãos destes países poderiam ser incluídos na nacionalidade correspondente às potências colonizadoras - França e Reino Unido, neste caso específico.

Quadro I - Estrutura Curricular do Curso de Férias, nos diferentes níveis⁵.

Nível	Disciplina	Carga horária semanal
Elementar A (para alunos sem prévio conhecimento da língua portuguesa)	Língua Portuguesa Conversaão Laboratório de Línguas	12 horas 5 horas 4 horas
Elementar B (para alunos com alguns conhecimentos da língua portuguesa)	Língua Portuguesa Conversaão Laboratório de Línguas	10 horas 8 horas 3 horas
Complementar (para alunos que desejem aperfeiçoar os seus conhecimentos da língua portuguesa)	Língua Portuguesa Conversaão Laboratório de Línguas Literatura Portuguesa (Séculos XIX e XX) História de Portugal Opções	8 horas 4 horas 2 horas 3 horas 3 horas
Superior (para alunos que desejem especializar-se em estudos de língua portuguesa)	Língua Portuguesa Literatura Portuguesa Portugal Contemporâneo I Curso Monográfico Opções	8 horas 4 horas 4 horas 4 horas
Opções (a que poderão assistir alunos de qualquer dos níveis)	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa Literaturas Brasileiras Geografia de Portugal Caminhos do Cinema Português Arte Portuguesa	2 horas 2 horas 2 horas 3 horas 2 horas

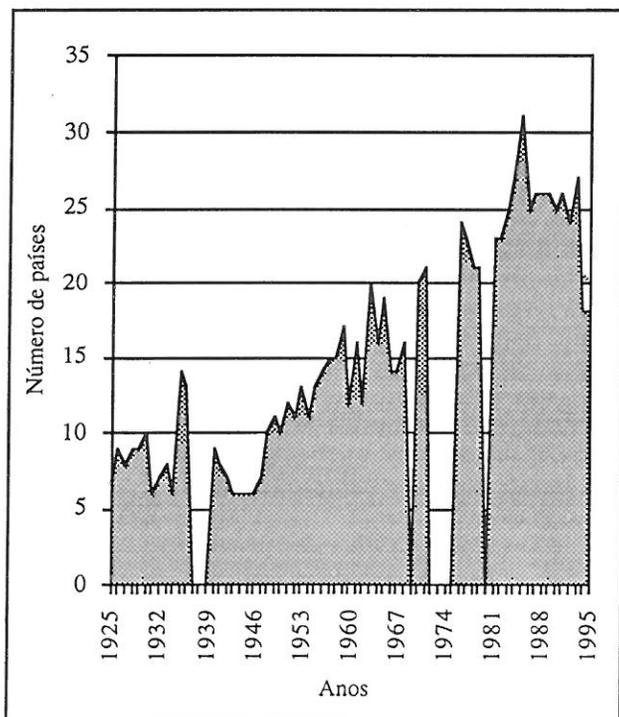


Fig. 1 - Número de países de origem das inscrições, em cada ano do período considerado (1925-1995).

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

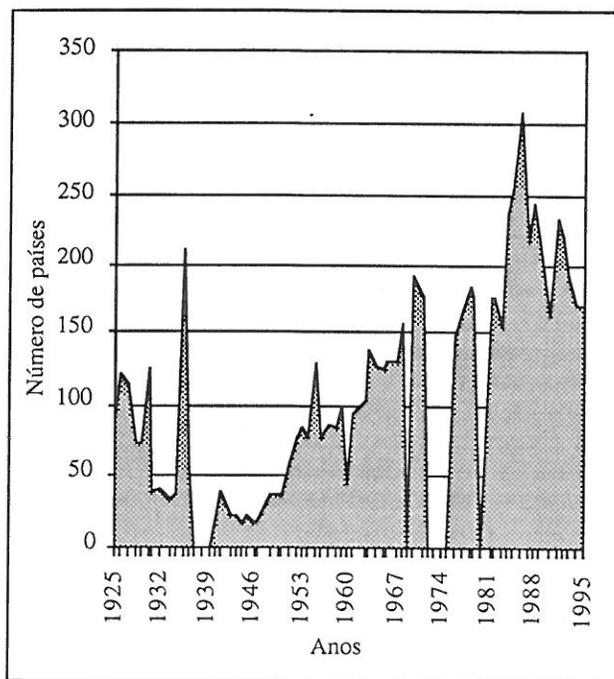


Fig. 2 - Número de inscrições no Curso de Férias, em cada ano do período considerado (1925-1995).

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

⁵ Adaptado do desdobrável de divulgação do 72º Curso de Férias, realizado entre os dias 1 e 31 de Julho de 1996.

facto é significativo pois revela diferentes envolvimento de Portugal, de Coimbra e da sua Universidade, no contexto internacional. As fronteiras portuguesas têm-se sucessivamente aberto; o nosso país tem-se tornado progressivamente mais atractivo; a circulação de cidadãos é cada vez mais fácil. A Universidade de Coimbra, com uma importância cada vez mais limitada a nível nacional (o que deriva sobretudo da nova Geografia do Ensino Superior em Portugal), apresenta uma crescente projecção no plano internacional. Com efeito, o progresso do número total de inscrições resulta em grande parte do aumento dos estrangeiros que procuram este curso (Fig. 3).

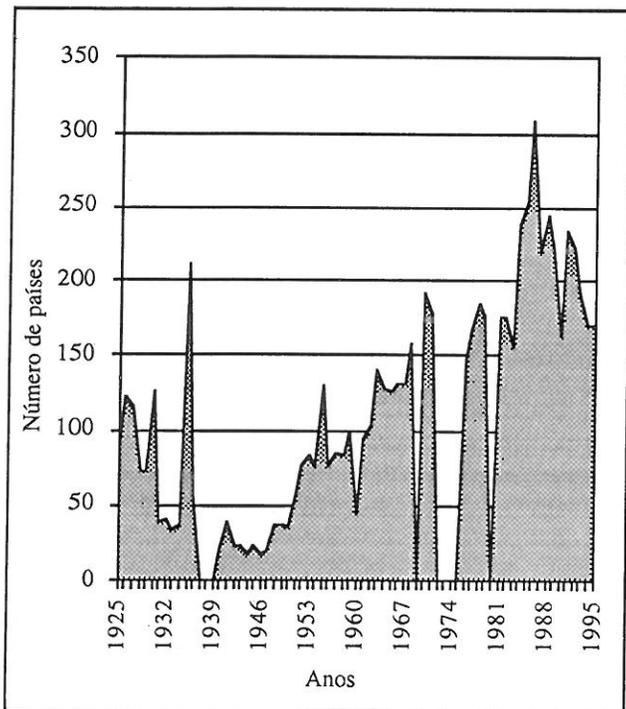


Fig. 3 - Número total de inscrições de cidadãos estrangeiros⁶ (1925-1995).

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

Apesar da importância quantitativa e, sobretudo, do simbolismo da presença dos cidadãos estrangeiros que frequentaram este Curso de Férias, encontramos nos livros de registos uma percentagem mais ou menos

significativa de portugueses, ou de lusodescendentes (Fig. 4), que no total contabilizam cerca de 30% das inscrições registadas nos 62 cursos que conseguimos reconstituir.

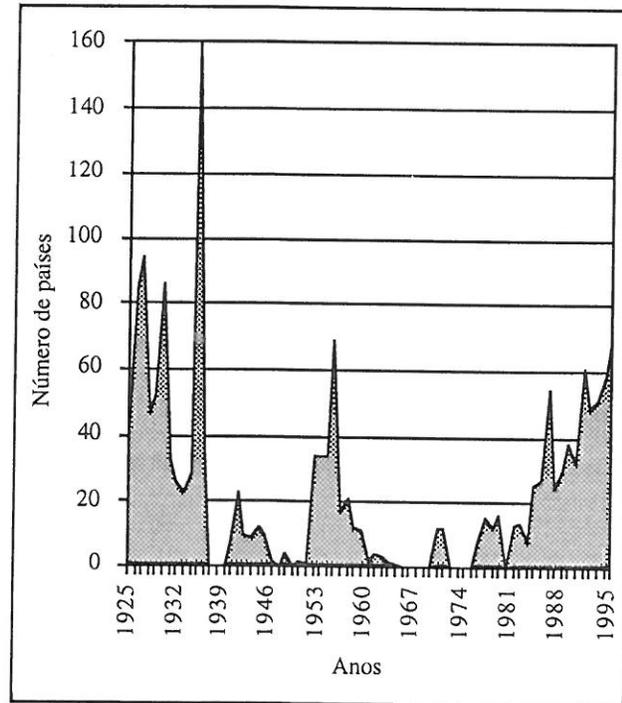


Fig. 4 - Número de inscrições de portugueses (ou lusodescendentes).

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

A participação de cidadãos portugueses (ou descendentes de portugueses) tem sido oscilante, ainda que constante. Nos primeiros anos em que se organizou o Curso de Férias, o número de inscrições de cidadãos portugueses foi mesmo maioritária, em relação aos quantitativos de estrangeiros. Por exemplo, no curso de 1935, os portugueses totalizaram 75% das inscrições; em 1931, 80%; e no ano de 1927, no 3º Curso de Férias, essa percentagem subiu aos 82%. Tratam-se de cidadãos portugueses, residentes em Portugal, normalmente estudantes do Ensino Superior ou mesmo indivíduos na vida activa, mas com formação universitária. Destaque ainda, nestes primeiros anos, para a inscrição de cidadãos militares e religiosos.

O Curso de Férias foi, nestes casos, uma via para complemento da formação cultural da população numa sociedade onde a oferta e as alternativas para esse fim eram então escassas.

⁶ Por entendermos que deverão ter um tratamento específico, retirámos destes totais de estrangeiros todos os cidadãos descendentes de portugueses, ainda que declarassem nacionalidade não portuguesa.

De uma forma geral, o grupo de portugueses decresce então, para voltar a aumentar após os anos 70. O quadro sócio-geográfico destas inscrições modifica-se. Este incremento após os anos 70 é essencialmente suportado pelos denominados lusodescendentes, que merecem, pela sua importância, um olhar mais apurado.

Efectivamente, o número de lusodescendentes (com nacionalidade portuguesa ou não) que procura este curso de Férias tem vindo a aumentar. Para muitos deles, a frequência deste curso é uma forma de aperfeiçoamento dos conhecimentos da língua portuguesa. Para uma grande maioria, quase o primeiro contacto com a cultura portuguesa. Trata-se de um movimento que não pode deixar de se relacionar com os diferentes ciclos emigratórios da população portuguesa. Constituem uma população cujos contactos directos com Portugal são ténues, nunca tendo, na sua maioria, residido no nosso país. Ainda assim, a evolução desta curva revela o interesse de uma geração que normalmente se classifica como perdida em termos de cultura portuguesa. É certo que não podemos retirar conclusões definitivas a partir do comportamento destes valores. É também de salientar que os lusodescendentes aqui envolvidos constituem uma minoria de todos os que se encontram disseminados pelos redutos do Mundo onde existem comunidades de portugueses. Ainda assim, este facto não deixa de apresentar

uma tendência interessante e a merecer uma reflexão mais cuidada.

As inscrições de lusodescendentes (Fig. 5) começam por ter proveniência nos EUA (principalmente de Estados da costa leste, como New Jersey, Massachusetts e Connecticut), no que podemos considerar uma aproximação àquela que é a Geografia da comunidade portuguesa neste país). O Canadá apresenta também números interessantes (aqui incluído no grupo dos "outros"), principalmente provenientes do Ontário. Nos últimos anos, são os lusodescendentes da Europa os que mais têm procurado o Curso de Férias de Coimbra. Principalmente provenientes de França, são descendentes dos cidadãos nacionais que abandonaram Portugal, sobretudo nos anos 60.

Apesar disso, a frequência dos diferentes graus deste curso tem vindo a aumentar sobretudo a partir da progressão das inscrições de cidadãos naturais de outros países. Contudo, a procura tem sido, entre os estrangeiros, espacialmente diferenciada. Destes, ao longo dos 62 anos que conseguimos contabilizar, os que mais frequentaram o Curso de Férias foram indivíduos de nacionalidade alemã, com 18% do total de estrangeiros; e francesa, com 17%. O Reino Unido, com 16%, segue na 3ª posição (Fig. 6).

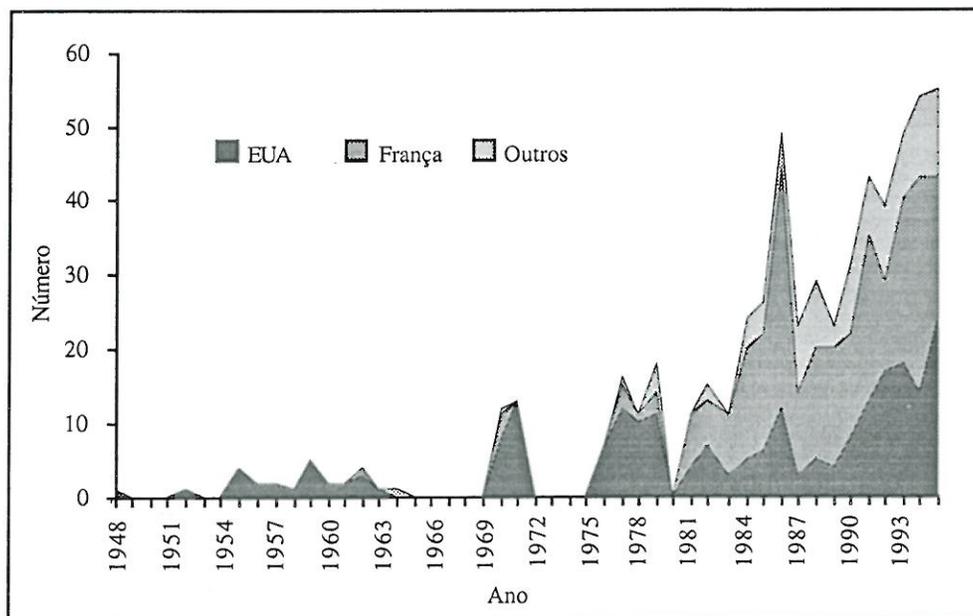


Fig. 5 - Evolução do número e da origem dos lusodescendentes.

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

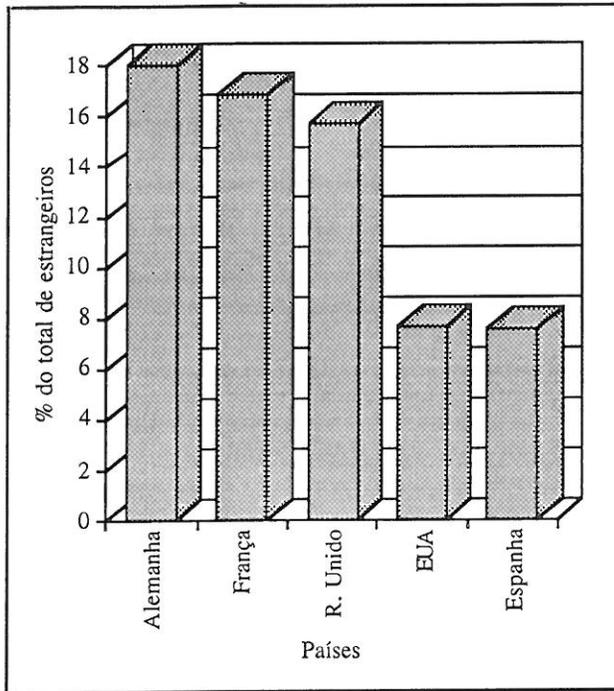


Fig. 6 - Principais países de origem das inscrições, durante os 62 anos considerados.

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

Esta procura é, no entanto, também quantitativa e qualitativamente diferenciada no tempo.

Para fazer uma análise destas oscilações fez-se uma leitura mais atenta dos primeiros e dos últimos 10 Cursos de Férias organizados pela Faculdade de Letras de Coimbra (Figs. 7 e 8)⁷.

Entre estes dois períodos considerados as diferenças não são nítidas. Ainda assim, têm um importante significado territorial. Entre estes dois momentos temporais, é de registar o desaparecimento do fluxo do EUA e da corrente proveniente da Suíça. Paralelamente, evidenciam-se as proveniências da Espanha e do Japão. Esta leitura pode, no entanto, estar condicionada, dissimulando toda e qualquer interpretação posterior. Com efeito, os fluxos do Japão e de Espanha podem

⁷ Nas figuras 7 e 8 surgem representados os fluxos correspondentes aos 5 primeiros países de origem das inscrições de estrangeiros. Este critério pareceu-nos o mais acertado para o objectivo de espacialização dos diferentes fluxos de cidadãos não portugueses. A utilização dos 5 países hierarquicamente destacáveis foi a opção que nos permitiu a representação da informação mais importante, sem as inconveniências de um cartograma demasiado complexo.

salientar-se pelo simples facto, por exemplo, dos fluxos dos EUA e da Suíça terem diminuído. Esta possibilidade não corresponde, ainda assim, à realidade dos factos: os fluxos de japoneses e de espanhóis tem apresentado uma tendência crescente. Mais de 70% das inscrições de cidadãos de Espanha foram registadas nos últimos 20 anos. Foi no mesmo período que se registaram cerca de 90 % do total das inscrições de estudantes japoneses. Paralelamente ao fluxo de japoneses, registou-se também um aumento da frequência de outros asiáticos, como os coreanos e os chineses, sobretudo de origem macaense.

Estes valores não são de fácil interpretação. Deverão ser também compreendidos de acordo com as condições internas de cada país. A prioridade que estes países, nomeadamente o Japão, têm dado à educação, chave para a ainda tendência de centralização do sistema geoeconómico mundial no Pacífico, é um factor a ter em consideração. De qualquer das formas, para contextualizarmos estes fluxos, não poderemos deixar de apelar às tradicionais relações culturais de Portugal com o Extremo Oriente⁸.

O caso de estudantes provenientes de Macau merece também um olhar cuidado. Nas vésperas da passagem de testemunho da administração portuguesa para a chinesa, é um imperativo histórico e geoestratégico para o nosso país a formação de quadros de etnia chinesa suficientemente sensibilizados para a cultura portuguesa. Neste âmbito, o Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra (assim como o Curso Anual), desempenham um papel de extrema conveniência nacional. Uma mais valia na difícil tarefa de preservação da memória e da influência portuguesas neste ponto do Extremo Oriente.

No segundo período considerado (1986-1995), por razões sócio-económicas e políticas internas, os espanhóis tiveram maiores condições de acesso e frequência de actividades desta natureza. Ainda assim, não nos surpreende o crescente interesse de Espanha por Portugal. Não é a lógica económica a ditar a direcção deste fluxo, mas sim o apelo da cultura portuguesa e da imagem de Portugal, um país vizinho que só muito tardiamente se procura descobrir. Efectivamente (Fig. 9), uma percentagem significativa dos estudantes espanhóis são provenientes da Galiza e de Castilla-León (Salamanca), sobretudo da primeira Região Autónoma. No caso dos galegos, a redescoberta de raízes comuns, recente ou não, é uma realidade de afirmação de dois povos de diálogo cultural

⁸ Apesar disso, alguns estudantes macaenses acabam por prolongar a sua residência em Portugal. O comércio e os restaurantes ditos "chineses" são destinos frequentes de alguns desses efectivos.

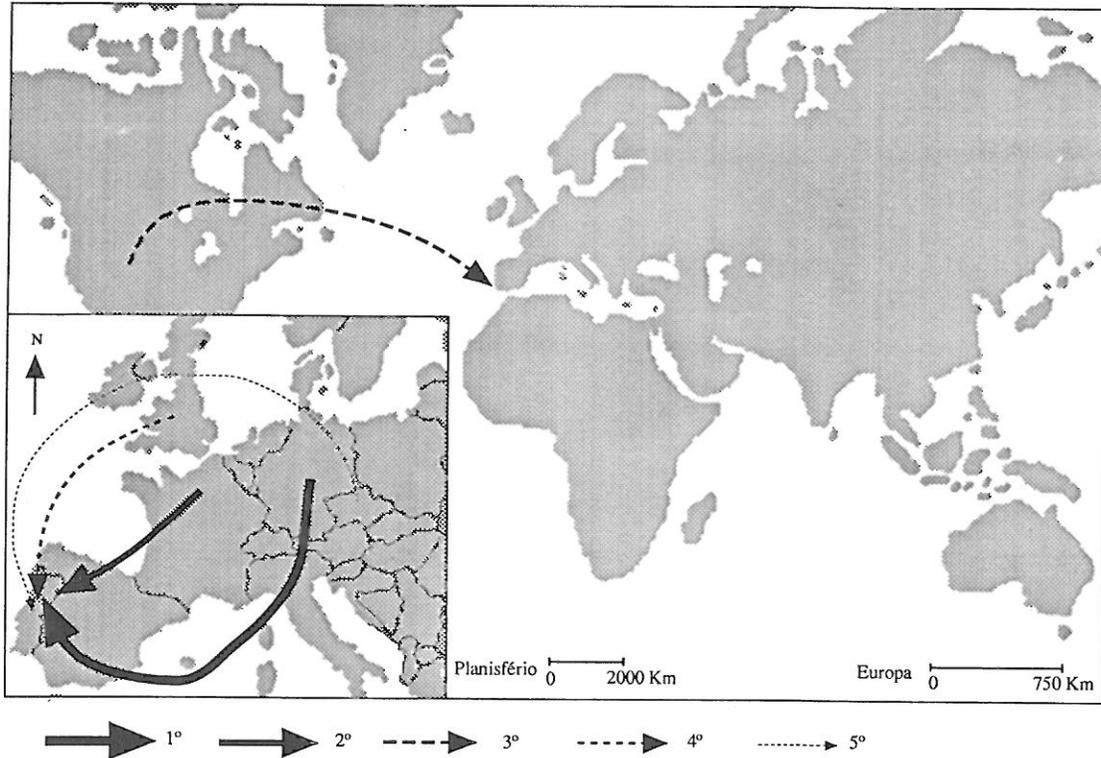


Fig. 7 - Hierarquia dos 5 países de origem das inscrições, no período 1926-1934

Fonte: Quadro II

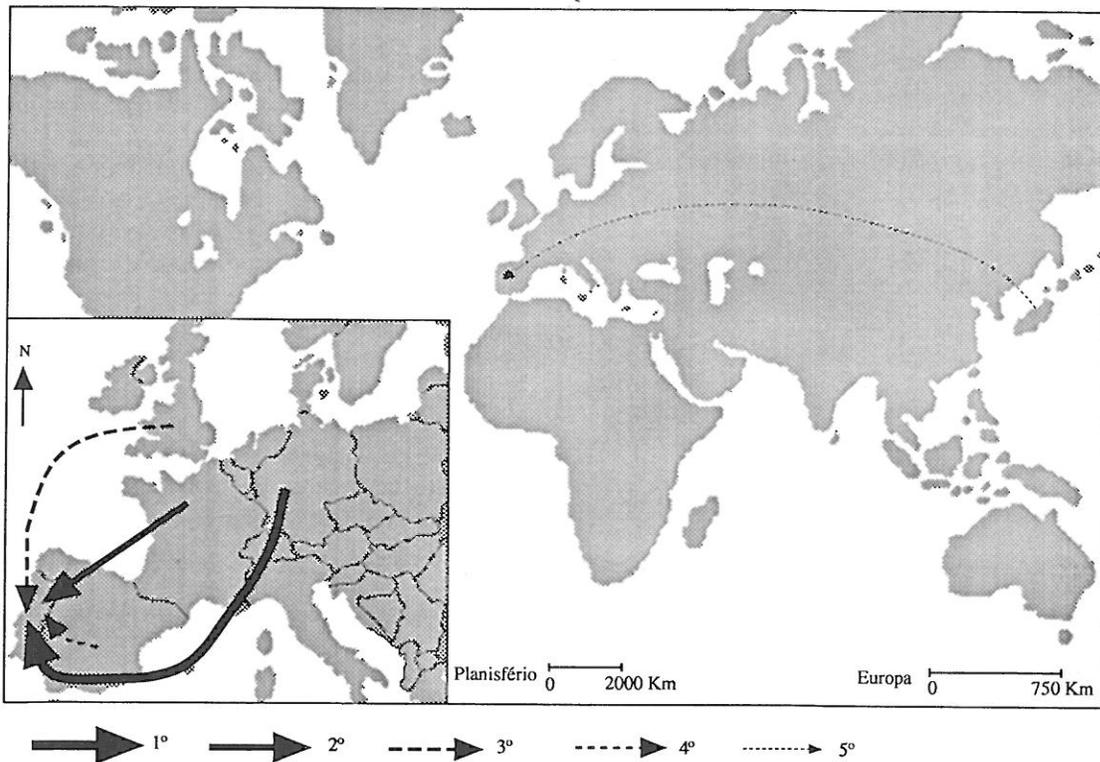


Fig. 8 - Hierarquia dos principais 5 países das inscrições, no período 1986-1995

Fonte : Quadro II

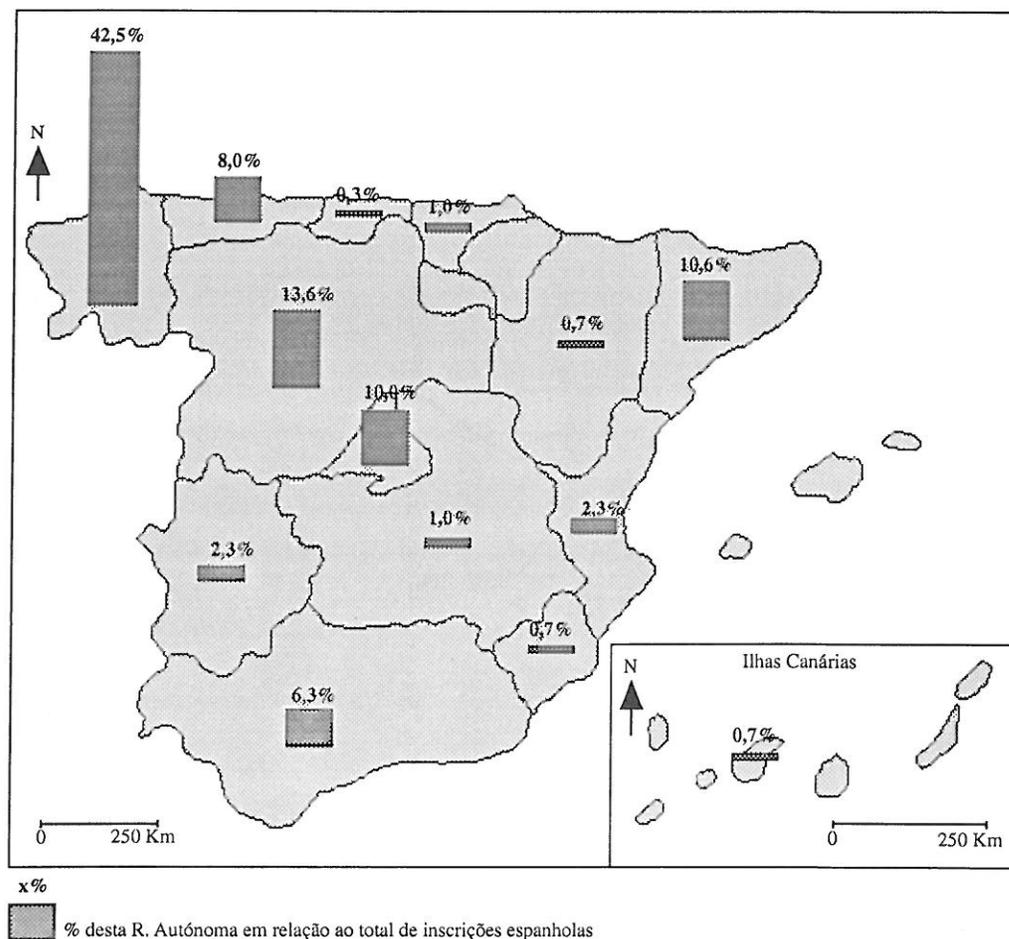


Fig. 9 - Regiões Autônomas de origem das inscrições de nacionalidade espanhola

Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

fácil. Na proveniência de Castilla-León tem funcionado a relação privilegiada de cooperação entre as Universidades de Salamanca e Coimbra.

Por outro lado, a contemporânea Geografia Humana de Portugal tem de se sensibilizar para a importância crescente do nosso país enquanto local de fixação de residência de população estrangeira. A emigração desde há muito constituiu um atenuante do (semi)periferismo geoeconómico de Portugal. No entanto, ao longo da sua História, Portugal foi também, em circunstâncias muito específicas, um local de chegada. Actualmente, à medida que se acentua a posição intermédia de Portugal no contexto da geoeconomia mundial, essa faceta tem ganho um novo dinamismo e tem-se revelado com um novo colorido. O território nacional, em pontos por vezes bem delimitados, é disso testemunho.

A origem e natureza das inscrições no Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra é também testemunha dessa realidade geográfica. Um número crescente de estrangeiros já residentes em Portugal tem procurado a frequência deste curso: por interesse pela cultura e realidade portuguesas ou pela necessidade pragmática de mais fácil assimilação pela sociedade portuguesa (Fig. 10).

Os efectivos que estão em causa não são quantitativamente significativos. Não podem por isso servir de base isolada a reflexões profundas. Ainda assim, de acordo com o conhecimento da realidade empírica da Geografia Humana de Portugal, a tendência da sua evolução não pode ser ignorada. Por exemplo, a distribuição dos locais de residência dessa população de nacionalidade estrangeira revela algumas das territorialidades mais

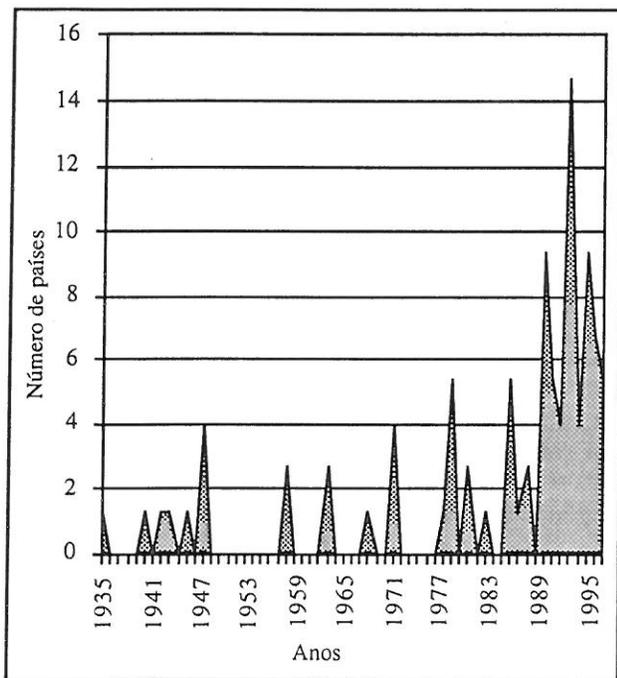


Fig. 10 - Distribuição pelos diferentes anos do total das inscrições de estrangeiros residentes em Portugal.
 Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

marcantes da Geografia do nosso país. Lisboa, Porto e o Algarve (Fig. 11) constituem os mais representativos locais de residência destes estrangeiros. O Minho e áreas como a Serra da Lousã e, nos últimos anos, o Alentejo, não deixam de estar representados. A atracção da capital portuguesa; a importância do turismo no Algarve e o apelo de paisagens remotas, de marcante raridade noutros pontos da Europa, são factores territoriais subjacentes ao comportamento destes quantitativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma⁹, uma temática onde surge envolvida a posição de Portugal no Mundo, onde se detectam sucessivas geografias do nosso país num percurso histórico com muitas vicissitudes.

Pelas páginas da obra de Miguel Torga, um dos escritores que melhor compreendeu o espírito da nacio-

⁹ Muitos pontos destas questões ficaram por explorar. Por isso, esperamos publicar um estudo mais aprofundado das temáticas aqui apenas superficialmente abordadas. Para tal, procurar-se-á realizar um inquérito directo aos alunos do 73º Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas, a decorrer de 1 a 31 de Julho de 1997.

nalidade portuguesa, transparece a ideia de que é pela nossa Cultura que nos tornamos ecuménicos e universalistas. Pela análise desta sequência de valores podemos concluir que é também pela cultura que nos abrimos ao mundo e que nos afirmamos como país de articulação que somos. Apesar do nosso periferismo, ou semiperiferismo económico, a cultura portuguesa pode significar uma mais valia no posicionamento estratégico internacional do nosso país. Comprova esta ideia o número significativo de missionários e alguns elementos da Cruz Vermelha Internacional que frequentaram este Curso de Férias, com

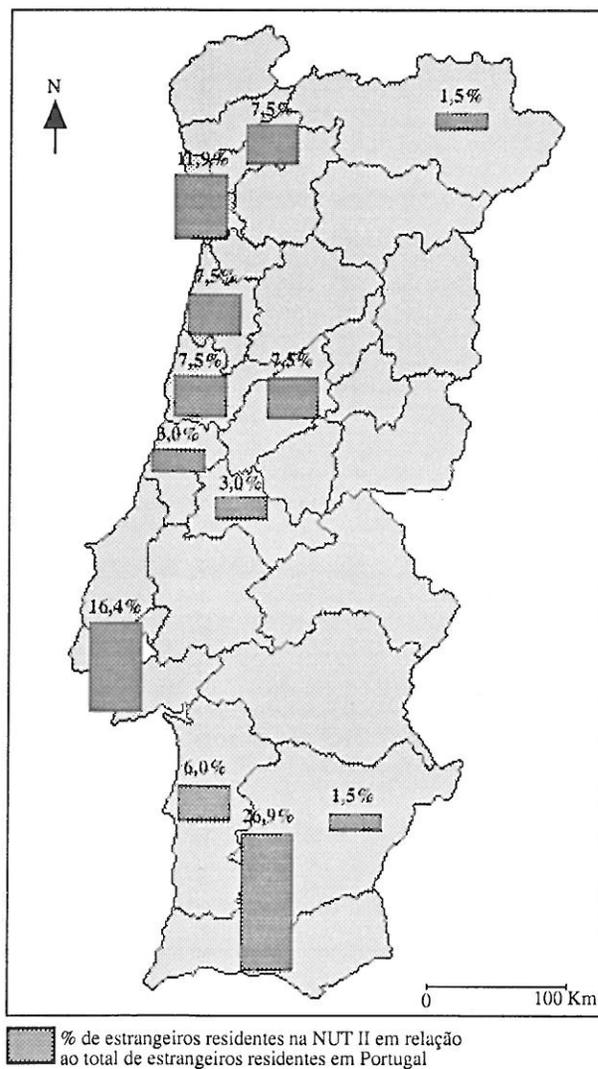


Fig. 11 - Residência por NUT's II dos estrangeiros inscritos no Curso de Férias e residentes em Portugal.
 Fonte: Livros de inscrições no Curso de Férias

vista à passagem quer para a África lusófona, quer para o Brasil. Tem também algum significado a frequência deste curso por parte de diplomatas africanos de países próximos ou não dos PALOP. Tratam-se de exemplos onde a imagem de Portugal pode sair reforçada.

A cultura como um recurso num país geoeconomicamente (semi)periférico. É neste sentido que mais se evidencia a territorialidade do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O Curso de Férias integra-se na estratégia do Estado português de reforço da posição do nosso país no exterior, por via de divulgação da língua e cultura portuguesas. É neste sentido que se manifestam os apoios financeiros, com a concessão de bolsas aos frequentadores do Curso, de instituições como o Instituto Camões e, para o caso dos lusodescendentes, a Direcção Geral de Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP)¹⁰.

Estes fluxos, ainda que modestos em termos de quantidade, provam que já há muito o nosso país era centro de interesse por parte de quem nos olha desde o exterior. Muito antes da projecção turística do nosso país após os anos 60 do presente século, que justificou, e continua a justificar, a vinda a Portugal de muitos estrangeiros. Por outro lado, é também provável, nos anos mais recentes, a articulação e complementaridade do turismo com a frequência deste curso. Neste aspecto, Coimbra tem uma posição privilegiada.

Com efeito, para além da imagem de um país, temos também a imagem de uma cidade. Paralelamente a tudo, são também os quotidianos de Coimbra que anualmente, pelo mês de Julho, sofrem, quase imperceptivelmente, uma mudança. Uma nova imagem da Coimbra Universitária num período do ano lectivo onde os estudantes

portugueses vão progressivamente partindo. Pelo menos durante 30 dias, a cidade universitária de Coimbra apresenta, nalguns microterritórios muito particulares, uma nova estética. O arrendamento de quartos, em casas particulares ou não¹¹; a frequência das cantinas e todas as actividades inerentes a este curso, contribuem para um novo colorido da cidade. De uma forma quantitativamente modesta, mas plena de simbolismo. Os territórios, pela sua natureza cultural, também se definem pelos simbolismos que os arquitectam.

A interpretação da territorialidade do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra deve, em suma, apelar à síntese de diferentes escalas de análise, ou não fosse a Geografia uma ciência de integração. Inerente a tudo: a Identidade de um país e de uma população; a riqueza de uma Cultura; o esplendor de uma História .

Como defendeu o escritor: "*É nossa sina não caber no berço*" (TORGA, 1990, p.31). O futuro de Portugal "*...não será de ocupação, mas de comunhão. De sementeira dos valores que nos individualizam*" (TORGA, 1990, p. 37).

Que a divulgação da Cultura portuguesa no Mundo não defraude a voz do poeta transmontano.

BIBLIOGRAFIA

MENDANHA, Victor (1994) - *Conversas com Agostinho da Silva*. Pergaminho, Lisboa.

TORGA, Miguel (1990) - *Diário*. Vol. XV, Coimbra.

Livros de Inscrições no Curso de Férias da FLUC, vários anos.

¹⁰ Também a Fundação Oriente tem concedido alguns apoios financeiros aos frequentadores do Curso de Férias. Alguns frequentadores são também directamente apoiados pelos seus respectivos países, como por exemplo, os EUA.

¹¹ Antes do mês de Julho de cada ano, é significativa a correspondência de futuros frequentadores deste curso pedindo previamente informações sobre alojamento.